

## HISTORICIDADE URBANA E SABER

Carolina P. FEDATTO (Unicamp) (doutoranda<sup>1</sup>)  
carolinafedatto@yahoo.com.br

Nesta comunicação gostaria de apresentar a temática de minha pesquisa de doutorado. As relações entre história, saber e cotidiano são meu ponto de partida para uma reflexão sobre os pontos de referência nas cidades. Estou pensando os pontos de referência como construções urbanas que localizam tanto o trajeto mais imediato do sujeito pelos caminhos citadinos quanto os sentidos acumulados nas disputas por sua permanência na memória. Refletir sobre os pontos de referência é questionar a quem suas histórias se referem, é perseguir as relações que estabelecem com a sociedade (seus usos, acessos, status) analisando o jogo de forças que sustentou seu aparecimento e os apagamentos que des-estruturam sua conservação. É a partir da intervenção que uma construção produz na cidade, a partir de seu caráter de acontecimento, que podemos pensar numa constituição significativa, linguageira para os pontos de referência.

De um lado, temos uma discussão de interesse semântico-enunciativo que põe em suspensão a relação da referência, do mundo, das coisas, com a linguagem. Guimarães (2005) diz que não podemos contornar o fato de que a linguagem fala de algo e que esse algo é construído na própria linguagem. Quando tomamos o espaço urbano como lugar de reflexão sobre essas questões, podemos dizer que a produção de uma referência no espaço tem a ver com a simbolização desse espaço: o modo como, pela linguagem, se estabelecem as relações de uma construção com outras, com o processo de ocupação das cidades, com a necessidade política de construir uma nação com origem, passado e tradições comuns. A exterioridade da referência, a possibilidade de perguntarmos a quem algo se refere, leva a uma reflexão sobre o processo imaginário de produção da realidade, as condições históricas e políticas que intervêm nessa construção. É através da linguagem, como meio – sempre determinado pela história – de dizer e redizer, que somos confrontados com o real: a contradição (real da história) e a falha (real da língua) são os motores da possibilidade de significação.

Abordamos assim o outro lado (discursivo) da questão: o próprio processo de construção das cidades é um processo de textualização (Orlandi, 2001), ele se mostra como um conjunto, com seu efeito de unidade, que disponibiliza uma determinada trajetória para a inscrição dos sujeitos e dos sentidos. O texto urbano é repleto de reformulações: a

---

<sup>1</sup> Projeto de tese intitulado *Textualização de pontos de referência: o saber na história da cidade*, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzy Lagazzi e financiamento da Fapesp.

inauguração de um prédio, a instituição de suas funções, um nome por outro, mudanças de endereço, reformas... Gestos triviais, corriqueiros, mas não sem importância histórica. É nesses gestos de escrita das cidades que se inscreve uma determinada noção de saber. Saber no sentido de que há um acúmulo de representações, de conhecimentos que vão marcando não só o modo de fazer ciência institucionalmente, mas também o modo de vida dos que aí, nessas referências, são representados. O sujeito, sua língua e suas tradições ficam marcados pela inauguração de colégios, igrejas, bibliotecas. Lugares onde o saber se institucionaliza. As filiações políticas, filosóficas e religiosas dessas construções vão projetar sentidos para os sujeitos que por ali circulam. Estando dentro ou fora desses espaços, o sujeito será constituído por eles, pelos saberes recortados por sua presença na cidade.

Perguntamos, assim, pelo confronto de discursos que produz esse efeito de localização, não só no espaço, mas na confluência de muitos sentidos, no imaginário de um marco zero, como se o espaço, e a linguagem, fossem transparentes, refletindo uma relação direta com o mundo. Considerando a opacidade das relações significantes e tomando a referência como algo significado, não enquanto algo existente, perguntamos o que está em jogo na evidência de uma referência. Ao colocar em questão a sedimentação dos saberes que as construções urbanas corporificam, podemos contribuir para a reflexão sobre a história das idéias, abrindo espaço para o conhecimento de acontecimentos específicos que, de algum modo, *(re)velam* movimentos da prática lingüística, urbanística, histórica na cidade. Ou seja, este tipo de estudo permite colocar a compreensão da produção e circulação do conhecimento fora de um ponto de vista puramente institucionalizado; ao contrário, pensar sobre a textualização de saberes na cidade é refletir sobre as condições que os tornam possíveis na relação dos percursos institucionais e cotidianos da linguagem com o espaço em que circulam.

### **Bibliografia**

GUIMARÃES, Eduardo **Semântica do Acontecimento**, Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.